RELAÇAÕ
PANEGYRICA,
JUBILOS DO ALGARVE,

Na feliz entrada,

QUE O ILLUST., E EXCELLENT. SENHOR

D. RODRIGO ANTONIO
DE NORONHA E MENEZES,

Governador, e Capitaõ General do meſmo Reino, fez na Cidade de Lagos no dia primeiro de Abril do preſente annó de 1754.

OFFERECIDA

AO MESMO ILLUST., E EXCELENT. SENHOR

PELA CAMERA DA MESMA CIDADE.

Eſcrita

POR DAMIAM ANTONIO DE LEMOS

FARIA E CASTRO.

LISBOA,

(84) Na Officina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impreſſor da Congregaçaõ Cameraria da S. Igreja de Lisboa.

M.DCC.LIV.

Com as licenças neceſſarias.

72.

COMPRA
196540

ILL.mo E EX.mo SENHOR.

I.

Esta Obra vos consagro, Heróe famoso;
Que triunfante conduz minha harmonia,
Donde brilhante o Tejo gyra undoso
Te' ao tumulo do Sol, tumba do dia:
Dedico-vos em affecto obsequioso
Os Jubilos da nossa Monarquia,
Que em diluvios auriferos já vejo
Inundar quanto vay do Gange ao Tejo.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

II.

Dá-me huma inſpiraçaõ Numen divino
Para ter mais hum brado a voz da Fama;
Que empenhos de valor taõ perigrino
Saõ a idéa difficil, que me inflama:
Vê com affavel roſtro o meu deſtino,
Que eſte rayo marcial de ardente chama,
Roubando gentil Marte os noſſos peitos,
Attrahe as attenções, leva os conceitos.

III.

Joſeph, do Imperio Quinto Rey Primeiro,
Luſo fulgor da Eſtirpe Gallicana,
De Capeto brilhante qual luzeiro,
Com glorias infalliveis elle emana:
Rodrigo vos eſcolhe por guerreiro,
Com prudencia ſublime, mais que humana,
Para ſeres feliz Governador
Emulaçaõ de Achilles, e Neſtor.

IV.

A ti deſtemido alento, e radiante,
Faetonte feroz de hum Febo ardente,
Que nos gritos da Fama vás triunfante
Deſde o Occaſo correndo ao Oriente:
A ti já ſe te entrega dominante
A impavida, famoſa, e brava gente,
Que fugindo do medo ds fantaſias,
A meſma morte cauſou já agonias.

Em

V.

Em ti ſe collocou alta a diviſa,
Que nobre Algarve tu na maõ lhe vés,
Com a qual docemente nos aviſa
Porá palmas nas mãos, croas aos pés:
O ſeu bravo peito naõ ſe ſuaviſa,
Sem que, como Menezes, de hum revés
Toda a rama córte do infecto fruto,
Tomando a redea do Wandalio bruto.

VI.

Com idéas marciaes elle occupava
Os paſmos de Olyſipo taõ famoſa,
Quando com voz albeya as ordens dava
Toda a Regia mente punha attencioſa:
Alli forte o ſeu peito ſe enſayava,
Animando a gentileza, que brioſa
Ha de vir arrazar eſſas profanas
Superſticioſas Aras Africanas.

VII.

Para criſis do Radio bellicoſo,
Depois que Ulyſſe lhe dá alto Hymenéo,
Em diffuſos parallelos ruidoſo
Segura em Calpe Amphitriona a Neréo:
Neſte empenho vagante taõ faſtoſo
Fixa Rodrigo, Radio Clemineo,
Firme a fama, que vay por eſſes ares
O ſeu gyro ſeguindo pelos mares.

Eſte

VII.

Eſte he o grande Heróe, em quem ſe encerra
De Angeja eſclarecida o luzimento:
He coriſco de hum Rayo, que na terra
As Beticas vaidades torna em vento:
He Marialva valente, que deſterra
Quanto intenta o tiſnado penſamento,
Que em Montes claros com valor eſcuro
Se lhe rende a ſeus pés como Orco impuro.

IX.

Eſte jugo cruel com tal fereza
O Promontorio Artábro muito eſtranha,
E arrancando ſuſpiros da aſpereza,
Para fugir de ſi ſe deſentranha:
Aſſim geme cativo, e na triſteza
Quizera renaſcer outra montanha,
Ou firmarſe entre o Ceo ſegura ſerra
Para cair novo Orbe em outra terra.

X.

Mas do Python fatal as extenſões
Menezes faz de Febo o domicilio;
Porque vence em Artábro as oppreſſões
Dos monſtros de Arquemóro, e de Atilio:
Delle marcha valente em diffuſões
Com generoſo valor em ſeu auxilio;
Porque abatendo o concavo rotundo,
Enroſque todo o mar naquelle mundo.

Aſſim

XI.

Assim passa à Provincia florecente,
A que o Tejo Dálem seu nome dera,
E Vesuvio passando o Rio ardente
Na contramarge hum Leaõ rugindo o espera:
Mas Marialva primeiro, Heróe valente,
Betico o monstro da ambiçaõ severa
Numen caliginoso desbarata,
E a antiga gloria à Patria lhe resgata.

XII.

Este brilhante exemplo tanto agita
Os peitos, que igual sangue nobre illustra,
Que com sublime corage infinita
Se os riscos se lhe oppoem, a todos frustra:
Tudo ao alento seu se lhe limita,
E nada a sua alta gloria lhe deslustra;
Porque a secca occasiaõ, escura, e calva
Nesta grande Casa encontra o Mar, e Alva.

XIII.

Bastas tu, Diogo excelso, que corrido
De te ver o pavor já se trasmonta,
E de obtivagas azas prevenido,
Porque a teus pés se humilha, se remonta:
Supplemento es do Polo, que entretido
Junto à Esféra desse Astro, a quem dàs conta,
Por Jove fulminante dás desmayos,
Por General Lusitano chovès rayos.

O pri-

XIV.

O primeiro deſpedes, que opportuno,
Como Pay das façanhas militares,
Te procreou ſegundo a bella Juno,
Se he que o naõ gerou Venus neſſes mares:
Sahido das eſpumas de Neptuno
Tal prodigio nos dás entre os milhares
Dos aſſombros, que vimos muitas vezes,
Milagres de Noronha, e de Menezes.

XV.

Tu es, ò Rodrigo Heróe, bravo, e famoſo,
A quem já falla a Muſa vacilante,
E com ſemblante alegre ſilencioſo
Seu reſpeito vos moſtra no ſemblante:
Recebey meu obſequio reſpeitoſo,
Que quizera gravar em hum diamante;
Porque permanente a poſteridade,
Emulo vieſſe a ſer da eternidade.

XVI.

Vinde abater, Heróe, o pego horrendo,
Que de Xerxes opprimem deſvarios,
E no ſangue de Agar vá já correndo
Deſſa eſpada o furor em negros rios:
Os Mirmidões valentes vaõ vencendo,
Contemplando ſómente os voſſos brios,
Em que Divino imprime o Poderoſo
Sem batalha o final de victorioſo.

Eſſe

XVII.

Esse bravo Argelino estremecido,
Atacado do fogo, do ar, da terra,
De dia o vencerá só o ruido,
Na noite o tropel lhe fará guerra:
O seu poder, valente, e desmedido,
Apertado nos seus mares se encerra,
E fugindo assustado ficaõ postas
Em venturoso socego as nossas Costas.

XVIII.

Na justiça, e clemencia muy constante
Vossos Grandes seguis, que quaes Leões,
Lusitania vio tragar como Athlante
O Mediterraneo Sal desses Triões:
Esta luz em Vós he hum Sol radiante,
Que em toda a parte tem claras mansões:
E se a Justiça tanta hum Sol abona,
Respire a febre dessa ardente Zona.

XIX.

Já clemente emprendeis outra conquista
Com seguras certezas da victoria:
E quem nella haverá, que vos resista,
Se render a piedade he alta gloria!
Culto d'alma buscais, que vos assista
Por perfume immortal dessa memoria:
Quem negará os incensos, que quereis,
Se em aromas, Senhor, vos derreteis!

XX.

Sem paſſar noſſas altas ſerranias,
Que em frutos formoſêa a Ninfa Lothos,
Se de longe attendeſſes, cá verias
Corações abrazados, ſe remotos:
Hoje que vos temos, ſó idolatrias
Finos vos conſagraõ os noſſos votos,
Que adorações rendendo as mais preclaras,
Ardem Arabe vapor nas voſſas Aras...

XXI.

Eſquadras de Cupidos voadores,
Feitiços primoroſos das Panthéas,
Acompanhaõ tambem voſſos ardores
Reclinados nas lindas Amalthéas:
Gigantes venhaõ ſer taõ bellas flores,
Que de alto Pay já ſaõ altas idéas,
E a todas grave Apollo ſem deſdouro
Em Eſcudos de eſmeralda Armas de ouro.

XXII.

Da voſſa alma tambem o nobre alento,
Qual Eumáco de Hiſpális, dignamente
Vos anima valente o penſamento,
Generoſo, magnanimo, e clemente:
Rendida ao veſtibulo do portento
De tal belleza, a noſſa gente
Segura, que no culto, que reſtaura,
Terá conſorcio fiel Prónuba aura.

To-

XXIII.

Todos Vós recebey com roſto auſpicio
Quanto, ſe pudera, eu vos conſagrara;
Porque ſe o Nume meu fora propicio,
Por cem bocas co' a Fama vos fallara;
De minha Relaçaõ toſca'o artificio
Eſſa alta ſombra buſca, onde ſe ampara;
Porque aſſombrado o mundo no reſpeito,
Lhe converta em louvor o que he defeito.

XXIV.

O antigo obſidional louro plauſivel,
Pio Heróe, te conſagro, ſoberano,
Religioſo, magnanimo, terrivel,
Copia do noſſo Marte Luſitano:
A teus pés abatido o monſtro horrivel,
Qual Golfo Mamertino deshumano,
Seja o alto troféo da grande gloria,
Que em lamina immortal grave a memoria.

XXV.

Aqui me ſuſpende já o paſmo voſſo,
Milagre de brandura, e de ouſadia,
Que mais valente ſois, e mais piedoſo,
Que o invencivel filho de Oly pia:
Diffundi taes alentos de anim o
Nas creaturas da voſſa galha. día;
Para ſermos Varões nas voſſas lides
Diſcipulos Heróes de tal Alcides.

XXVI.

Os Satellites dez do bravo Jove
Sejaõ coroa da voſſa mageſtade,
E o Aſteriſmo de Hercules, ſe ſe move,
Ao trabalho marcial dê gravidade:
Quanto ouro liberal Jupiter chove
O Diadema vos lavre da piedade,
E o Potoſi, raſgando as aureas veyas,
Augmente à voſſa luz luzes Febeas.

XXVII.

Contra hum Apollo tal nunca Encelâdo
Gigante ſe transforme, ou Briarêo,
E ſe o fizer, ſe veja fulminado
Pela furia do Jove Tartarêo:
Sempre explendor brilhante, naõ manchado,
Até à noite luzais Rayo Febêo,
E vibrem voſſas armas claridade,
Subſtitutas do Sol na eſcuridade.

XXVIII.

Renda-ſe a voſſos pés o Fado aduſto,
E quem o quizer ter com melhor ſorte,
Se nas armas naõ morre, o mate o ſuſto,
Sem ter mais eleiçaõ, do que na morte:
Ninguem ao valente impeto robuſto
Te reſiſta já mais fero Mavorte,
E ſe a arrogancia julga, que equivale,
Quando ſangue corra, Acheronte exhale.

O que

XXIX.

O que pertendo, em fim, deſſa alta Eſféra
He, que hum pouco inclineis o bravo peito,
E affavel recebais, como ſe eſpera,
Eſte obſequioſo culto do reſpeito:
A voſſa alta piedade, que hoje impera,
Propicia moſtray já ao meu conceito;
Porque, além das lizuras de hum affecto,
O conſtitue grande o alto objecto.

XXX.

Aceitay pois, Senhor, de hum peito ardente
O pouco deſte obſequio, em que ſó val
A intençaõ grande preço por decente
Victima da alma, em fim, que he immortal:
Aceitai-ma benigno docemente,
Que por ſer ſubdito eu, Vós General,
Naõ vos ſerá, Senhor, nunca eſtranhado
Aceitar a obediencia de hum Soldado.

Em

Em applauſo do Author deſcrevendo a Jornada, que fez o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes, Capitaõ General do Reino do Algarve.

ROMANCE HEROICO.

FOrmoſa deſcripçaõ, goſtoſa hiſtoria
Nos propoem voſſo engenho taõ fecundo,
Que ſendo para vós gloria immortal,
Para o Algarve he de grande jubilo.

Deſcreveis do preexcelſo General
A jornada que fez do Emporio Luſo,
E ficará por norma a quem quizer
Eſcrever lá nos ſeculos futuros.

Calle a fama de Cicero a eloquencia,
Suſpenda a ſuavidade já de Tullio,
E applauda por cem bocas reverente
Engenho taõ ſubtil, taõ regio aſſumpto.

No Templo da memoria collocado
Se veja voſſo nome ſem ſegundo,
E os Heróes, que nelle ſe eternizaõ,
Todos vos votem repetidos cultos.

Sublime, e elevada a voſſa penna
Dos ſabios logrará eterno indulto,
Que eſcrevendo do illuſtre Marialva,
Vos daráõ os brazões de ſabio auguſto.

Aſſim

Aſſim ſerá, que deſte Heróe ſublime
Canta a fama ſeus nobres attributos,
Com que prendendo o alvedrio a todos,
Todos lhe rendem holocauſtos puros.

De ſeu illuſtre Pay, copia preclara
He eſte excelſo Heróe ſublime em tudo;
Que uelles quiz unir a Providencia
Os dotes, que diſperſos lograõ muitos.

Se no naſcer naõ teve a primazia,
Por ſer já eſte Heróe filho ſegundo,
A gloria quiz tirar a ſeu Irmaõ,
Porque na Caſa naõ foſſe elle o unico.

De illuſtre rama, eſtirpe eſclarecida
He eſte bem correſpondido fruto,
Se perito em emprezas militares,
Nas maximas ſublime do diſcurſo.

Unidos os Noronhas, e os Menezes
Deraõ a Portugal altos triumfos,
Entronizando a Caſa de Bragança,
Sacodindo de Heſpanha o feroz jugo.

Rayos de Marte, Campeões famoſos,
Daquella Caſa ſempre ficis eſcudos
Se moſtraraõ em todas as acções,
A' Patria ſendo diamantinos muros.

Intrepidos, valentes, e animoſos
Entravaõ nos combates furibundos,
Sendo aos bellicoſos Leões de Heſpanha
Horror, paſmo, pavor, eſpanto, e ſuſto.

Tri-

Triumfe Portugal victorioſo,
De pólo a pólo impere ſempre auguſto;
Que em quanto houver Noronhas, e Menezes
As quatro partes tremeráõ do mundo.

Quanto aquelles Varões fortes obraraõ
Em todas as emprezas ſempre aſſutos,
Obrará com exceſſo o noſſo Heróe,
Vencendo mais do que venceraõ juntos.

As acções, que por grandes conſumaraõ
Eſtes Heróes na guerra em tranze duro,
Para gloria immortal da ſua fama
Todas elle obrará como preludios.

E vindé já, Rodrigo, Aſtro flammante,
Reportar do Agareno tanto orgulho,
Deixando às ſuas Luas ſó minguantes,
Funeſto eclipſe, ſempiterno tumulo.

Vinde já deſtruir Mahometanos,
Que impávidos os noſſos mares ſureaõ,
Piratas, que de roubos ſe alimentaõ,
Nas noſſas prayas ſem temor, ſeguros.

E logray, pois, em taõ doce hymenêo
Os annos de Neſtor, ſeculos muitos,
E o tronco dos Noronhas, e Soares
Cada vez reſplandeça mais em frutos.

E eſſes oito Pimpolhos animados
Praza a Deos os vejais todos adultos;
Huns dando aos Marialvas ſucceſſores,
Outros a Portugal altos aſſumptos.

Praza a Deos os vejais a todos elles
Invictos Generaes, fortes, ſanhudos;
Huns tendo horror nos Campos de Mavorte,
E outros no falſo Imperio de Neptuno.

E vós ſabio Eſcritor, que deſcreveis
Do voſſo General applauſos juſtos,
Voſſo nome immortal no Orbe fique
Debellando da inveja os ſeus ſuſſurros.

Vivey como aquella ave, que na Arabia
Oloroſo lavrando o ſeu ſepulchro,
Quando em cinzas ſe vê já reduzida,
Renaſce com alentos mais robuſtos.

Vivey pois lá nos ſeculos vindouros
Huma poſteridade taõ ſeguro,
Que as bellas producçõeſ do voſſo engenho
Naõ feneçaõ, por mais que acabe tudo.

Para que a voſſa penna ſubtil ſempre
Em applauſos, encomios, e jubilos
Deſcreva a heroicidade ſempre deſte
Filho de Pallas, e de Marte alumno.

O Doutor Antonio Nogueira Mimoſo.

Em

ROMANCE.

DIgno assumpto emprendeo a altiva idéa,
Que este Elogio vota ao Sol do Algarve,
E esgotando o licor da Cabalina,
De rayos comprehendeo a immensidade.

Sem duvida voando a esféras doze,
Bebeo dos Signos o esplendor radiante;
Que numerar assombros deste Numen
He fazer nos Planetas miudo exame.

Para ostentar que além dos impossiveis
O pensamento busca inclyto alcance,
Basta vermos que o throno de Rodrigo,
Agudo sóbe, e as transcendencias bate.

Como sem precipicios do discurso,
Taõ eloquente explica o inexplicavel,
Bem se póde affirmar, que aguia sublime,
Do Sol as luzes, na sua vista cabem.

Deste sublime impulso generoso
Foy influxo excellente o Heróe que applaude;
Pois a naõ ser reflexo das suas luzes,
Na luz do assumpto havia de abrazarse.

Apurando o primor da aurea Aganippe
Canta deste Dynasta os timbres grandes;
E igual a narraçaõ da prosa egregia,
Naõ distingue a razaõ qual he mais suave.

Taõ elevado intento predomina
Deſte eſpirito nobre a chamma em que arde ;
Que do alto cume do ſagrado Olympo ,
Converte a creſpa luz em douta fraze.

Só tamanho Sojeito ao ſolio puro
Do excelſo General, da patria Athlante
Sem deſpenhos podéra de Faetonte ,
Fazer a chamma , a erudiçaõ tratavel.

Aquelle grande Heróe , que da Caſtalia
Mimoſo emprego he ; pois porque o cantem ,
Reparte Liras aos engenhos doces ,
Concede conſonancia aos Cyſnes graves:

Aquelle , que alentando o ſuave metro
Com heroicas acçóes predominantes ,
A Caliope tem canſado o eſtylo ,
A Euterpe rouca , a medolante clave :

Aquelle , que excedendo as maravilhas ,
Tantas repete invicto cada inſtante ,
Que parece naſceo para deſſenho ,
Da tranſcendencia illuſtre dos milagres :

Aquelle , que excedendo inda os prodigios ,
A fama o reconhece incomparavel ,
Pois ſeu merito ſempre generoſo ,
Da valentia predomina as margens:

Aquelle , que do Emporio Lisbonenſe
O credito he mayor , porque ſe jacte
De ſer berço daquelle , que tem quanto
He no Sol periferia , he gala em Marte.

De

De tanto Avó belligero a grandeza
Em ſeu animo illuſtre aurea renaſce;
Com timbres taõ diſtinctos, que parece
Que à meſma herança dá novos quilates.

Quando o vem deſde as cumes do Epiciclo,
Aquelles, de quem logra o regio ſangue,
Entre a gloria immortal dos ſacros coros;
De gloria tem reduplicados gajes.

Se no Olympo eſtrellado donde aſſiſtem
Eſtrellas de alto ardor; do Ceo diamantes,
A vaidade coubera, ao vér tal Neto
Scintilariaõ ſó de luz vaidades.

Deſta alta producçaõ nunca excedida
Tamanho apreço as Excellencias fazem,
Que a deſvélos do culto lhe fabricaõ,
De Signos roſicler, de Soes o engaſte.

Vendo que avulta em generoſos timbres,
De Pallas filho, de Minerva Athlante
Para cingirlhe a teſta ſublimada
Ao ſeu laurel, de eſtrellas poem o eſmalte.

Daquelle grande Pay opimo fruto
Taõ traslado he fiel, taõ viva imagem,
Que para os diſtinguir nas maravilhas
Nem toda a viſta, nem diſcurſo vale.

Talvez por iſſo a Providencia auguſta
Ambos Generaes fez, porque ſe achaſse
Na perfeiçaõ do filho portentoſo
Do alto Pay os prodigios redundantes.

Para

Para brado immortal do egregio nome
Deſte que adora o mundo por deidade,
Do grito ſe valeo deſta eloquencia,
Culto do amor, do empenho vaſſalage.

Quando ouvir o fronteiro Mauritano,
Quando Neptuno ouvir, rege eſſes mares
Tamanho Heróe, lhes tremerá de medo
O tridente eſpumoſo, o curvo alfange.

O Chroniſta famoſo, à ſombra excelſa
Do aſſumpto que tomou, em toda a idade
Dará credito auguſto à patria nobre,
Aſſombro ao Tejo, admiraçaõ ao Ganges.

RE-

RELAÇAÕ PANEGYRICA.

NEM ſempre os applauſos na vida haõ de ſer reconhecidos por filhos da liſonja, ou por progenitores da vaidade. Quando a eſtimaçaõ diſtinta, ou a aura popular do mundo provêm de principios honorificos, que ſaõ partos da recta razaõ: quando a pratica das virtudes. ſe ajuſta em proporcionada harmonia; regulando-ſe todas por aquelle movimento, com que a Prudencia rege ao entendimento, com que a Juſtiça domina na vontade, com que a Fortaleza vence ao iraſcivel, e com que a Temperança triunfa do concupiſcivel; negar a eſta ſublime ordem de heroicidades no ſeu louvor o ſeu merecimento, fora, ſobre evidente injuſtiça, Eſtoica inſenſibilidade. Por iſſo nos grandes jubilos, que ſe concebem neſtas altas origens, rodeada a razaõ mais de

de idéas, que de circunſpecções, ſe divide em dous officios para animar de dous modos o pregaõ da Fama, fazendo que dem brado pelo mundo as vozes em Epinicios, as pennas em Faſtos.

Eſte he o motivo, porque aquelles homens, a quem fez grandes antes o deſtino primeiro, que a eleiçaõ ſegunda, para provocarem as admirações naõ vulgares, imitaõ aos Planetas nos Orbes, aos Aſtros no Firmamento. Sempre concentricos com a felicidade, que os ſegue como já nem podem, nem devem occultar as luzes, naõ ſe ſatisfazem, de qu alguns os conheçaõ: antes pertendem que os vejaõ todos, e que os meſmos reſ plandores, que os cercaõ, ſejaõ pregões que os vulgarizem. Aſſim andaõ em co tinuo gyro; e como ſe podeſſem faz verdadeiro o grande Anno imaginado Plataõ, unindo o fim com o principio, meſma continuaçaõ do ſeu movimento faz repreſentar ao mundo taõ boas fig ras, que lhe moſtraõ depender dellas ſu ceſſivamente a ſua conſervaçaõ.

Para eſtes dous applauſos taõ puros naſceo logo Grande, e foy em tudo bem naſcido, no dia 5 de Setembro de 1720 o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes, que hoje he o alto objecto das noſſas veneraçõeſ. Sim lhe negou a natureza na ſua grande Caſa a Primogenitura; mas logo no berço o encheo o Ceo das benſãos de Jacob. Houve differença de tempo na irmandade: nas virtudes dos Irmãos em nenhum tempo ſe percebeo differença. A Providencia deſtinou para ambos ſemelhantes horoſcopos, para que o eſclarecido do ſangue naõ foſſe ſó o que levantaſſe a figura, a quem prognoſticava ſublimes qualidades a illuſtraçaõ dos eſpiritos.

He eſte Fidalgo por ſeus grandes Pays ramo de duas das mayores Caſas de Heſpanha. A viva lembrança do muito que Portugal deve aos Progenitores de huma, e outra, ainda o conſtituem mais ſublime. Enlaçaraõ-ſe os Noronhas de Angeja com os Menezes de Marialva, e de tantos Heróes, que procrearaõ hum, e outro Appel-

lido, he o noſſo Excellentiſſimo General fruto correſpondente à bondade de arvores taõ fecundas, como beneficas. Tem elle por Pay a hum Heróe da primeira Caſa, o Senhor D. Diogo de Noronha; filho terceiro dos primeiros Marquezes de Angeja, de quem o Algarve conſerva taõ viva a memoria, como a ſaudade, deſde o tempo em que ſervio nelle por Coronel de hum dos Regimentos da Rainha Anna de Inglaterra. Depois pelo ſeu caſamento com a Excellentiſſima Senhora D. Joaquina Maria Magdalena da Conceiçaõ de Menezes, herdeira da Caſa de Marialva, teve o titulo de Marquez, que actualmente he terceiro, e quinto Conde de Cantanhede na ordem da ſucceſſaõ deſtes titulos. Foy Brigadeiro de Cavallaria, General de Batalha da Eſtremadura, actualmente Meſtre de Campo General, e Governador das Armas da meſma Provincia junto à Peſſoa, Conſelheiro de Guerra, Gentilhomem da Camara, e Eſtribeiro mór da Caſa Real; Fidalgo de taõ altas virtudes, que intentar deſcrevellas, parece que ſeria injuriallas.

Do

Do meſmo modo tomaria Portugal por eſcandalo o paſſar eu avante na deſcripçaõ da Genealogia do noſſo Excellentiſſimo General; porque era fazer entender ao mundo, que elle além de ignorante, paſſava a ingrato. Para immortal gloria noſſa baſta, que nos lembremos, de que o Senhor General he neto pela parte paterna de D. Pedro Antonio de Noronha Albuquerque e Souſa, primeiro Marquez de Angeja, do Conſelho de Eſtado, e Guerra; que depois de moſtrar o ſeu valor na India, quando a governou como Vice-Rey, veyo aſſombrar Caſtella na glorioſa Campanha de 1706 com a ſua corage, ſendo Meſtre de Campo General, e depois no reſtante da guerra naõ ſó em Catalunha, mas governando as armas da Provincia do Alentejo; adquirindo taõ alta reputaçaõ; que no anno de 1713 foy nomeado pelos clamores do ſeu merecimento Vice-Rey, e Capitaõ General do mar, e terra, com intendencia, e ſuperioridade em todas as Capitanîas da America, donde ſe recolheo coroado de lou-

81.

ros a gozar no ocio da Patria o merecido deſcanço das bellicas fadigas, com que deixou do ſeu nome glorioſa memoria.

E que pela parte materna he Biſneto daquelle memoravel Varaõ, grande em todas as idades, cujo nome ouvimos com veneraçaõ, e eſpanto, o ſempre famoſo Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes, a quem Portugal deve a liberdade, e a Sereniſſima Caſa de Bragança a Coroa. Aquelle Heróe, que depois de derrotar os agouros do ſeu Appellido, deu novos quilates aos luminoſos Menezes; principiando a ter formoſos dias com os eclipſes de Caſtella nas Linhas de Elvas, nas Praças da Eſtremadura Heſpanhola, e nos Campos de Montes Claros, aonde a jactancia do Carracena abatida foy o menor dos ſeus deſpojos; porque aqui, quando ſe punha o Sol às ſuas gentilezas, lhe amanheceo o dia eterno da Fama; que a Patria conſerva no immortal padraõ das tradições, em que ſe guarda de pays a filhos, como em livro ſucceſſivo, a memoria do ſeu libertador;

mais

mais glorioſo por afugentar de nós o feroz Leaõ de Heſpanha nos ultimos ſeculos de Portugal, do que famoſo Hercules Lybico por nos livrar dos Geriões indomitos, fabuloſo Rey de tres cabeças, nas primeiras idades da Luſitania. Ultimamente para tributarmos juſtas primazias à grande Caſa de Marialva, baſta ſabermos; que nella encontrou digna eſpoſa hum Principe legitimo do noſſo Reino, naõ ſendo medianeiro do matrimonio o amor cego; mas muito advertida a Razaõ de Eſtado, aonde ſempre foraõ tudo perſpicacias.

Taõ illuſtre em fim, como o mundo ſabe, he o ſangue, que circula nas veyas do noſſo General invicto. Porém ſe eſte o eleva à grandeza de Olympo ainda entre a eminencia dos Olympos mais altos, na ſua juvenilidade principiou elle a moſtrar, que havia ſer mayor em ſi, do que o era pelo ſer, que dos ſeus egregios Progenitores recebera. Com o luminoſo caracter da ſua alma ſe illuſtrou a ſi meſmo; e conheceo, que naõ obſtante ter em ſua Caſa minas de metaes ſonoros, para que eſtes

eſtes lhe naõ cauſaſſem ſom eſtranho, era preciſo animarlhes a reſpiraçaõ com alentos proprios. Ainda naõ ſabia dar paſſos na terra, já voava às Esférás. Para ſubir às eminencias formava como Anteaõ generoſidades do meſmo riſco dos tropeços. Logo deu eſtimaçaõ ao preço da gloria; que val tanto, quanto cuſta; e para lavrar para os Capitolios as ſuas Eſtatuas naõ eſperou dar golpes no cepo dos annos; porque entrou a polir com delicadeza a vergontea da mocidade.

Adiantou-ſe a ſua inſtrucçaõ ao uſo do entendimento, de ſorte que o engenho mais parecia nelle herdado, que adquirido. Podia-ſe julgar, que neſte grande Menino ſe avançava a razaõ ao uſo. Aquelle ſervia quaſi como o argumento da fé, para fazer crer, que cabia em taõ curtos annos taõ longo eſpirito: o outro demonſtrava, que o Senhor D. Rodrigo Antonio vencia com a racionalidade aos annos, ſem que os defeitos cómmuns da natureza embaraçaſſem as operações de huma viveza toda alma. Aſſim obra a alta

pro-

providencia do ſuperior Nume com as tenras mocidades, que predeſtina para Heróes ſublimes. Bem póde ſer, que as prizões da balbuciente lingua impidaõ a articulaçaõ da primeira letra: porém o eſpirito illuminado até nas geſticulações externas diffunde brilhantes reſplandores de ſciencia. Ainda Moyſés naõ ſabia fallar, e já a Omnipotencia o inaugurava na terra Vice-Deos.

Porém como a Deidade do furor bellico deſtinava o Senhor D. Rodrigo Antonio para hum dos rayos da guerra, que depois paſſaõ a mageſtoſos Simulachros do Templo da Honra, logo o inclinou a ella; unindo a eleiçaõ propria ao deſtino paterno, animoſo em huma, no outro obediente. No exercicio de Soldado, que lhe era taõ natural, já pela inclinaçaõ do genio, já pelo exemplo dos ſeus Mayores, principiou a moſtrarſe como hum delles, filho da ſua diſciplina, na corage ſemelhante, igual na ſciencia. O grande Rey, ſempre de ſaudoſa memoria, o Senhor D. Joaõ V., que com a ſua alta penetraçaõ

ſa-

fabia conhecer o merecimento dos homens para os premiar, attento ao do Senhor D. Rodrigo Antonio, o nomeou Capitaõ de Infantaria, ſe diminuto emprego para tanta qualidade, proprio para os annos, e honroſo degráo para ſubir aos mayores. Naõ ſatisfeito com moſtrar a ſua habilidade no exercicio das tropas da terra, paſſou a ſervir no mar, para que tanto Neptuno, como Marte ſe gloriaſſem de ter hum Coriſeo intrepido por Palinuro nas ondas, por Diomedes nas Campanhas.

Na Primavera de taõ bem gaſtada idade colheo o Senhor D. Rodrigo Antonio a engraçada flor do preclariſſimo Jardim dos Soares, que enlaçados com os Portugaes, tinhaõ firme a ſua qualidade no Caſtello Melhor da Fidalguia, caſando com a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Maria Antonia Soares de Noronha, Filha Herdeira de Joaõ Pedro Soares, e de ſua mulher a Senhora D. Anna Joaquina de Portugal; Fidalga de taõ heroicas virtudes, e adornada de taõ ſublimes qualidades, que a faltarem na ſua Peſſoa os gran-

grandes dotes da natureza, e fortuna, com que a enriqueceo liberal a Providencia; ellas ſó a faziaõ digna de taõ eſclarecido Eſpoſo. Abençoou a poderoſa maõ de Deos eſte feliz conſorcio, dando-lhe ſucceſſaõ multiplicada, em que por largas idades ſe conſerve a glorioſa memoria de ſeus illuſtriſſimos Avós.

Ultimamente, naõ o tempo, mas as virtudes foraõ elevando o Senhor D. Rodrigo Antonio aos mais altos empregos; porque nem ſempre os premios haõ de buſcar devagar aos merecimentos. Occupava elle o cargo de Ajudante das Ordens de ſeu grande Pay o Senhor General das Armas da Eſtremadura, bebendo-lhe nellas as doutrinas, para que foſſe ao meſmo tempo que Filho na natureza, creatura da diſciplina, quando a Auguſta Mageſtade do Senhor Rey D. Joſeph, que Deos guarde; reconhecendo nelle circunſtancias para cargos mayores, que o que tinha, porque o adornávaõ ſemelhantes para exercicio igual àquelle, que ſeu grande Pay occupava, por Decreto de 14 de

Janeiro deſte feliz anno de 1754 foy o meſmo Senhor ſervido nomeallo Governador, e Capitaõ General do Reino do Algarve; porque como na idade de trinta e tres annos eſtava em tudo Varaõ perfeito, havia ſervir neſta occupaçaõ de magnifico ornato aos grandes Heróes do ſeu caracter, que nella lhe precederaõ.

A noticia deſta acertadiſſima eleiçaõ chegou voando ao Algarve, que anciosamente a dezejava; porque ſendo a primeira do noſſo Auguſto Monarca para eſte Reino, eſperavamos correſpondeſſe nella em acertos politicos, e militares a meſma ventura, que gozavamos na ordem dos Eccleſiaſticos; para que na ajuſtada harmonia das juriſdicçõesſe viſſe o Algarve reſtituido àquellas idades douradas, com que o fazia feliz a bem unida tranquillidade dos animos, que o governavaõ. Encheraõ-ſe os corações de jubilo, e impacientes na demora, a troco de abbreviar a vida, dezejavaõ diminuir nos dias, ou a extenſaõ, ou o numero, para ſe verem já na poſſe da fortuna, que eſperavaõ. Concorriaõ

corriaõ para eſte commum alvoroço as vulgares noticias das raras qualidades herdadas, e adquiridas do novo General nomeado; que eſta he a grande dita dos Heróes, os quaes tanto provocaõ as veneraçõe viſtos, como dezejados; igualmente devedores à virtude, e à Fama.

O Senhor General, como ſe eſtiveſſe preſcrutando os ſegredos dos noſſos eſpiritos impacientes, foſſe com venturoſo acaſo, ou com previſaõ prudente, apreſſouſe quanto pode para naõ retardar o noſſo goſto. No dia 5 do ſeguinte Março fez Sua Excellencia a coſtumada ceremonia da homenagem nas mãos de Sua Mageſtade, aſſiſtindo a eſte acto ſeu Pay, e Irmaõ os Excellentiſſimos Marquezes de Marialva, e ſeu Primo, e Cunhado o Marquez de Angejà. A 26 do meſmo mez, eſtando o Senhor General prompto para a ſua jornada, pela huma hora da tarde ſahio do ſeu Palacio de Santos com toda a ſua Familia, acompanhado dos tres ſobreditos Fidalgos, de ſeu Cunhado o Conde de Soure D. Joaõ da Coſta, do Provincial, e mais Padres

85.

dignos do Convento de S. Pedro de Alcantara da Provincia da Arrabida, e de muitos Officiaes militares, para se embarcar no Tejo. Com toda esta numerosa, e brilhante comitiva repartida em formosos, e bem esquipados escaleres, e a sua Familia em muitas fragatas, que no rio representavaõ huma perspectiva magestosa, e alegre, chegou o Senhor General a Aldeya Galega pelas tres horas da mesma tarde, aonde foy recebido com as honras que merecia a Pessoa, agora multiplicadas pelo cargo.

Voltaraõ logo para a Corte os Excellentissimos Marquezes de Marialva, Angeja, e Conde de Soure: porém o Provincial dos Arrabidos com os seus Religiosos, e os Officiaes militares ficaraõ assistindo ao Senhor General aquella noite, naõ só para extenderem o obsequio, mas para dilatarem a saudade. Gastou o Senhor General a tarde em receber os comprimentos do Juiz de Fóra, e mais Nobreza, que se achava na Villa, tratando à todos com a singular affabilidade, que lhe hé natural por herança, e com que sua-

ſuavemente attrahe os coraçõẽs. A noite ſe gaſtou no apreſto das carruagens, carros de mato, e mais diſpoſições para o tranſporte de taõ numeroſa Familia, que poz em admiraçaõ aquella terra, naõ coſtumada a ver taõ brilhante, e pompoſo trém, faltando-lhe a companhia da Mageſtade; porém Sua Excellencia enchia no ſeu com o magnifico o que naõ tinha de Real.

No dia 27 pelas ſeis horas e meya da manhã partio o Senhor General de Aldeya Galega, havendo-ſe deſpedido com muita ternura dos Religioſos, Officiaes, e mais peſſoas, que o haviaõ cortejado, naõ ſem as vivas demonſtrações do reſpeitoſo amor, que todos lhe conſagravaõ. Dos ſobreditos Padres ficaraõ dous na ſua comitiva, naõ ſó para o acompanharem na jornada, mas para lhe aſſiſtirem no Algarve todo o tempo do ſeu governo; porque nem o Senhor General pela particular devoçaõ, que tem ao Santo Patriarca, e Filhos deſta Provincia, nem elles pela grande protecçaõ, que encontraõ na peſſoa do Senhor General, ſe davaõ por ſatisfeitos

ſem

ſem huma reciproca evidencia, hum do ſeu affecto, os outros do ſeu reconhecimento.

Poſta a comitiva em marcha, precedia a todas a carruagem em que vinha o Senhor General, e ſua Excellentiſſima Eſpoſa: ſeguiaõ-ſe duas, e entre ellas hum coche a ſeis; que conduziaõ oito Fidalgos ſeus filhos com as ſuas Ayas, e depois as mais carruagens, que faziaõ o numero de vinte e duas, ſeis carros matos, alguns cavallos de deſtra, muitas cargas cobertas com repoſteiros, e grande quantidade de criados a cavallo; excedendo toda a comitiva o numero de cem peſſoas, além de outras muitas, que tinhaõ vindo embarcadas no navio Sueco, que conduzio a Lagos as tapiçarias, e mais adereços do Palacio do Senhor General, juntamente com o ſeu eſcaler, hum hyacte, e huma falúa, que o meſmo Senhor mandou vir para o ſeu divertimento, e liſonja do genio, taõ propenſo à Milicia, como à Nautica.

Foy eſte dia muy alegre, porque à ſe-

renidade

renidade do tempo fazia mais viſtoſa a gála da Primavera, que reveſte com anticipaçaõ de roſagancia os campos do noſſo Reino. Chegaraõ Suas Excellencias pelo meyo dia à pequena povoaçaõ de Agoas de Moura, aonde jantaraõ. Daqui ſahiraõ pelas tres horas da tarde, e foraõ fazer noite à Villa de Palma no antigo Palacio do Conde de Obidos, que influido do eſpirito da ſua grandeza, e attento à paternidade da laſtimoſa mocidade de ſua Filha a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Marqueza de Marialva; Cunhada do Senhor General, a quem tirou a impia Parca a vida na flor dos annos, o havia mandado fazer prompto com a decencia correſpondente a ſemelhantes hoſpedes.

No dia 28 partiraõ Suas Excellencias para Alcacere do Sal, e nelle principiou o Ceo a fertilizar a terra com as copioſas chuvas, que ella, aberta em bocas, lhe pedia para remediar a ſua eſterilidade. Alguns dias mais incommodou eſte beneficio da ſuprema piedade a marcha do Senhor Ge-

General, a quem com a graciosidade da sua discriçaõ ouvi dizer, fallando neste seu particular contratempo: que Deos lhe castigara os seus peccados com a mesma graça favoravel ao bem commum. Chegou Sua Excellencia muito cedo a Alcacere; mas era a chuva em tanta copia, que resolveo naõ passar a diante. Apoſentou-se nas Casas da Camara, aonde foy comprimentado pela Nobreza, e Justiça da terra; que se esmeraraõ nos mais polidos obsequios.

Aqui abrio o Senhor General as mãos à profusaõ da sua liberalidade, e unindo-a à compaixaõ, escolheo a pobreza para objecto della; repartindo copiosas esmolas pelas pessoas mais necessitadas; e para que fosse a caridade mais fina, fez, que o seu exercicio se anticipasse ao rogo; que assim se dá duas vezes muito; huma na distribuiçaõ, outra no modo. A tarde deste dia se gastou em passar as carruagens para a outra banda do rio, e sendo grande a diligencia desta manobra, naõ se pode concluir antes das dez horas da manhã seguinte.

guinte. Entaõ foy a paſſagem mais viſtoſa ; porque o rio ſe via ſemeado de embarcações de differentes lotes, as ſuas margens bordadas de innumeravel multidaõ de povo, e os vaſos mayores ſoltando flamulas, e galhardetes ; com viſtoſa apparencia formavaõ aos olhos huma agradavel perſpectiva. Pojado em terra o eſcaler do Senhor General, ſe continuou a jornada, em que o acompanhou mais de huma legua com todos os ſeus Officiaes o Juiz de Fóra de Alcacere, que avançara muito mais o ſeu cortejo, ſe a grande civilidade do Senhor General lho naõ impedira.

Chegou o dito Senhor neſte dia, que era o de 29 de Março, à povoaçaõ de Melides, e pela eſtreiteza do lugar, foy obrigado a repartir a ſua Familia pelas differentes caſas, que o Juiz da terra lhe tinha prevenido. Depois de deſcançarem a noite, continuaraõ a marcha, que a inclemencia de taõ eſteril paiz naõ podia deixar de fazer penoſa. E porque em toda eſta jornada naõ havia lugar de abrigo, ao

88.

meyo dia mandou o Senhor General fazer alto em hum valle mais ameno, que a natureza por deſcuido deixaria ficar por alma daquella intractavel charneca, e aqui ordenou, que jantaſſem todos dos fiambres do viatico; porque naõ permittia o paiz dar melhores ſainetes a outros guiſados. Era eſta jornada de nove leguas, e como ainda reſtavaõ cinco até Villa Nova de Mil fontes, ſuccedeo anoitecer no caminho: porém Sua Excellencia attento à commodidade da ſua familia, ordenou, que por todas as carruagens ſe diſtribuiſſem archotes, que illuminavaõ a eſtrada, como no dia mais claro, e repreſentavaõ ao longe, entre a duvidoſa luz das eſtrellas, huma quaſi certa reflexaõ dos rayos do Sol em corpos tranſparentes.

Logo que o Senhor General entrou na Villa, diſparou toda a ſua artilharia o Forte, que a guarnece, dando eſtas bocas de bronze os primeiros parabens ao Algarve de taõ alegres boas vindas. O Prior, e outras peſſoas da meſma Villa concorreraõ logo a comprimentar a Sua Excellencia, que

que ſe agaſalhou no Caſtello com parte da familia, e o reſtante em differentes caſas. Já neſta Villa ſe achavaõ promptos Soldados de piquete para levarem a Lagos as noticias da chegada de Sua Excellencia, os quaes conforme as ordens, que tinhaõ recebido, ſe poſeraõ logo em marcha. Neſta noite ſe conduziraõ as carruagens para o lugar do embarque, que ſe havia de fazer de madrugada para a paſſagem do rio. O Senhor General para a apreſſar, como o dia 31 cahio ao Domingo, ouvio Miſſa muito cedo com toda a ſua familia: porém por mais activa que foy a diligencia, naõ ſe pode concluir o tranſporte antes das duas da tarde. Entaõ paſſou Sua Excellencia o rio, acompanhando-o até à margem oppoſta entre muitas peſſoas, o Prior, e o Governador do Caſtello, que arvorando o eſtandarte, tornou a diſparar a ſua artilharia.

Como a paſſagem do rio levou tanta parte do dia, chegou o Senhor General já de noite à margem do pequeno regato do Decexe, que divide o Reino do Algarve

garve da Provincia do Alentejo. Succedeo entaõ naõ dar o váo paſſo às carruagens, que ſe naõ podiaõ tranſportar na barca pela ſua incapacidade. Tudo ſe apeou na contramargem do regato, que banha o ſobredito povo, primeiro da ſua juriſdicçaõ, aonde havia fazer noite o Senhor General. A' borda do rio eſperava o ſeu deſembarque a Camara de Aljezur, que tem juriſdicçaõ até eſte deſtricto, o Corregedor da Comarca de Lagos, o Sargento mór da meſma com outros Officiaes, que havia tres dias eſperavaõ ao ſeu General neſte ſitio, para terem a honra de ſer os primeiros no ſeu obſequio. Apenas ſe alojou no Quartel, que lhe eſtava prevenido, ſe lhe meteo de guarda huma companhia das Ordenanças do meſmo deſtricto, que neſtas paſſagens ſaõ entretenimento pelo ſeu deſembaraço nas evoluçõeſ militares. Os Soldados, que aqui eſtavaõ de piquete, marcharaõ logo para Lagos a dar parte, de que o Senhor General eſtava dentro no Reino.

Alvoroçaraõ-ſe os animos obſequioſos com

com taõ agradavel noticia; mas affligiraõ-ſe por naõ ter promptos os apreſtos neceſſarios para a entrada, em que a ternura dos votos ſe naõ dava por ſatisfeita ſó com a grandeza ſem tocar as balizas do magnifico. Porém aos impulſos dos corações empenhados houve de ceder a velocidade do tempo; moſtrando-ſe mais apreſſados do que elle ligeiro. Chegou em fim o fauſto dia primeiro do preſente Abril, que ſempre ſerá taõ memoravel nos Faſtos do Algarve, como os de Alcibiades na Grecia, e ſabendo o Senhor General no caminho a diſcreta inquietaçaõ da Cidade, naõ obſtante ſer grande eſta ultima jornada, determinou apreſſalla para chegar a horas de receber os cortejos, que lhe queria tributar o alvoroço; porque naõ pareceſſe, que deſprezava os cultos de corações attentos, quando todo o ſeu empenho he render officioſas as vontades.

Pelas nove horas da manhã deſte dia veyo o Senhor General à Villa de Aljezur, aonde o eſperavaõ poſtadas em proporcionada diſtancia duas Companhias, huma

ma de Auxiliares, outra da Ordenança, com muitas peſſoas diſtinctas de ambos os eſtados. Foraõ taõ grandes as inſtancias do Prior deſta Villa com Suas Excellencias, que naõ poderaõ eſcuzarſe de lhe liſongear a ſua honroſa condeſcendencia, honrando-lhe a caſa. Nella foraõ ſervidos com hum polido jantar, em que a delicadeza, e a profuſaõ venceraõ a eſteril ruſticidade, que ſó ſe podia eſperar no coraçaõ da ſerra. Aqui ſe preparou Sua Excellencia, e toda a ſua familia com mayor decencia para fazer a entrada, ſe bem que eſta mayor grandeza ſó excedeo à precedente naõ na qualidade, mas na mudança dos veſtidos. A's onze horas da manhã ſe moveo de Aljezur para Lagos eſte triunfo Romano, com ventagens a elles no Heróe.

Daqui em diante foy o Senhor General encontrando com applauſos de Ageſiláo nas ſuas viagens, cheyos os caminhos de Nobreza, Eccleſiaſticos, Militares, e Povo, que em alegre confuſaõ lhe davaõ os parabens da boa vinda; ſendo o ſilencioſo

cioſo ruido dos corações o mais elegante pregaõ dos alvoroços. No Lugar de Benſafrim, huma legoa diſtante de Lagos, o eſperava huma Companhia de Cavallos; o Prior, alguns Religioſos, e outras muitas peſſoas. Continuando o Senhor General a ſua marcha, ſe encontrou com o Senado da Camara da Cidade, de que era Vereador mais velho Franciſco Nunes da Silva, ao qual embaraçaraõ as ſuas moleſtias a aſſiſtencia peſſoal, mas naõ o zelo, prudencia, e cuidado, com que fez diſpor tudo o neceſſario para o recebimento de Sua Excellencia na Capital do ſeu governo. Repreſentava o ſeu cargo o ſegundo Vereador Nicoláo de Ataide Maſcarenhas, que poſto em proporcionada diſtancia, fez ao Senhor General a ſeguinte falla.

ILL.mo E EX.mo SENHOR:

NUnca ſe eſqueceraõ as Mageſtades Portuguezas de encherem eſte ſeu leal Reino de honras; e eſtamos vendo, que o Senhor Rey D. Joſeph, que Deos conſerve

ve por idades muitas , herdando o empenho dos ſeus Auguſtos Avós, com liberalidade mais prodiga nos engrandece , dando-nos por noſſo Governador , e Capitaõ General a Voſſa Excellencia : fortuna eſta , que excedendo a eſféra da noſſa comprehenſaõ , ſó o noſſo reverente alvoroço o explica na voz deſta Cidade , que anciosamente o eſpera. Aſſeguro a Voſſa Excellencia , que temos por felicidade muito avultada a ſua ditoſa vinda , na fé dos grandes acertos , que eſperamos da ſua capacidade excelſa. E ſe he digno de taõ elevada attençaõ o obſequio , que a noſſa fé lhe proteſta , chegue Voſſa Excellencia em hora feliciſſima a ſer eterna conſolaçaõ das noſſas bem naſcidas eſperanças ; e venha em hora ditoſiſſima a dar exercicio às ſuas illuſtres prendas , e a receber da veneraçaõ mais profunda repetidos vivas.

Já o ruidoſo ecco das acclamações do povo deixava mal perceber a prolaçaõ deſtas ultimas vozes , quando o Senhor General entrou por huma agradavel planicie pouco diſtante da Cidade , à qual fazem mais

mais viſtoſa as muitas hortas, e lamedas, que nella ſe cultivaõ. Aqui moſtrou a ruſticidade, que tambem he capaz de fazer obſequios, tanto mais eſtimaveis, quanto mais ſimples; porque os Hortelãos, e Caſeiros tomaraõ à ſua conta fazer hum arco, que adornaraõ de frondoſos ramos, para que a pompa ſem affectaçaõ brilhaſſe na ſimplicidade. No meſmo ſitio, que chamaõ de S. Joaõ, ha muitos tanques, em que deſagoa hum copioſo manancial; que ſe lhe communica por hum aqueducto, que foy obra da grandeza de ElRey D. Manoel, aonde as lavandeiras da Cidade exercitaõ o ſeu officio.

Preſumiraõ eſtas, que os Hortelãos lhes naõ haviaõ levar a palma nos ſeus ramos, e em vez das folhas das arvores, reſolveraõ liſongear a Suas Excellencias com flores do entendimento, enlaçadas com as do campo. Para iſſo eſcolheraõ entre ſi duas mais airoſas, e deſembaraçadas, que ſe animavaõ com o bem atado dos differentes trajes, e luziaõ no brilhante dos atavios, para que em nome de todas fizeſſem a Suas Excellencias o ſeu reverente obſe-

quio. Conſiſtio eſte na offerta de hum bem tecido ramilhete, offerecido com donoſo ar, e acompanhado dos ſeguintes Sonetos.

I.

Ao Senhor General.

SEjais muito bem vinda, ò luz Febéa,
A dar a eſte Horizonte hum fauſto dia:
Vinde, recebereis noſſa alegria,
Aljofar derretido de Neréa.

Vinde, animado alento de Amalthéa,
Sendo Marte animoſo em ouſadia:
Vinde, Heróe, de quem diz noſſa harmonia
Sois do primeiro Rey primeira idéa.

Vinde, Noronha ſublime, e excellente,
Menezes mais brilhante, que a meſma alva,
De Marialva guerreira rayo ardente.

Vinde, e ouvi neſta voz a doce ſalva,
Que vos acclama por gloria eminente
De Noronha, Menezes, Marialva.

II.

II.

A' Excellentiſſima Senhora D. Maria Antonia.

CHegay em doce uniaõ, alta Senhora,
Outro Caſtor, e Pollux ſempre ardente:
Chegay para ter luz noſſo Oriente,
Naſcendo claro o Sol de tal Aurora.

Chegay, emulaçaõ da bella Flora,
E attrahi noſſas almas docemente:
Chegay; porque affectuoſa a noſſa gente,
Quando attenta ſe humilha, vos adora.

Chegay, Senhora, já, que alvoroçado
Eſte povo ſe vê, porque o olhais
Com ſemblante gentil taõ engraçado.

Chegay já, que ſe naõ vos apreſſais,
Nos corações ireis arrebatado
Doce uniaõ de Noronha, e Portugais.

Recebida pelo Senhor General com muita affabilidade eſta innocente demonſtraçaõ, continuou a marcha, e chegou ao ſitio chamado de S. Franciſco o Velho, deſtricto do Convento de Santo An-

tonio dos Padres Reformados da Provín-
cia da Piedade, aonde o eſperava o Guar-
diaõ com toda a ſua Communidade, para lhe
preſtar os devidos obſequios. A peqüena
diſtancia deſte lugar eſtavaõ formados em
batalha os Corpos regulares, de que ſe com-
poem a guarniçaõ da Praça, e os ſeus
Officiaes ao paſſar o Senhor General lhe
fizeraõ as cortezias de eſpontaõ na fórma,
que o diſpoem o Regimento Militar. Aqui
era tanto o concurſo do povo, que per-
turbada a ordem do acompanhamento,
parece que impacientes os affectos deſeja-
vaõ levar a Suas Excellencias em braços,
aſſim como os tinhaõ já nos corações.

Chegou o Senhor General, montado já
a cavallo, à porta principal da Cidade
que chamaõ de Portugal. Eſtava ella mag-
nificamente adornada de excellentes tapi-
çarias, e damaſcos, ſervindo entaõ de no-
bre Portante aos Eſcudos das Armas do
Reino, da Cidade, e das de Suas Excellen-
cias. A hum dos lados da ſua entrada ſe
havia levantado hum mageſtoſo theatro,
que ſahio huma figura primoroſamente ve-
tida

tida, que em nome de todos os moradores congratulou o Senhor General da ſua boa chegada, recitando o ſeguinte

ROMANCE HEROICO.

EM hora muy feliz, ſublime Adonis,
De Marte inveja, emblema de Narciſo,
Chegueis a ſer nas Aras do reſpeito
Deidade ſingular dos alvedrios.

Em feliz hora, a ſer auguſta idéa
Daquelle alto Monarca eſclarecido,
A quem rende homenage o mundo todo,
Cryſtaes o Ganges, perolas o Nilo.

Em a mais feliz hora ao noſſo Algarve
Chegueis Governador nobre Rodrigo
A ſer do Portuguez Cid a honra eterna,
Pois deſte tronco ſois o fruto opimo.

A ventura vos venha acompanhando,
Vaſſalla taõ fiel, que ao voſſo arbitrio,
Votando adorações, prompta obedeça,
Primeiro que aos preceitos aos indicios.

Em

Em hora muy feliz neſta Cidade
Ponhais o auguſto pé, a quem rendidos
Os corações repitaõ reverentes
Cultos da fé, do extremo os ſacrificios.

Impaciente a ſaudade vos eſpera;
Porque no voſſo genio perigrino
Vaticinaõ preſágas eſperanças
Da ventura attenções, dos Aſtros mimos.

Conhece a fé, que ſois da Esféra Luſa
A mayor maravilha, ardor benigno,
E tornaráõ o Algarve as voſſas prendas
Zenith do amor, das ditas Epicîclo.

Na voſſa ſuperior benignidade
Libra o diſcurſo em bem fundado auſpicio,
Que antes que Capitaõ, Dynaſta excelſo
Vindes ſer de Joſeph primeiro o typo.

Das almas vindes ſer deidade auguſta,
Para que em voſſos meritos ſubidos
Eterna a idolatria incendios vote,
Veſuvios a alma, Etnas o carinho.

A fé, anticipando os holocauſtos,
Ardeo felice as chammas prevenindo,
Com que agora recebe em tanta gloria
Para o goſto mayor alto attractivo.

Que

Que há de ser! Se baſtou da Fama o brado,
Com que aſſumpto lhe dais aos aureos gritos
Para forjar grilhões às liberdades,
Para render potencias, e ſentidos.

Soubemos raſtrear do voſſo Numen
O mageſtoſo ſer pelo elogio,
Que logra voſſo Nome ſoberano
Deſde eſte Pólo ao Pólo de Callixto.

Já naõ cabendo da grandeza voſſa
O aureo reſplandor do Sol nos gyros,
Tranſcendendo os limites dos dous Orbes
Se remonta ainda além dos rayos Cynthios.

Da voſſa perfeiçaõ as maravilhas
Enchem de gala o ſempre claro Empyreo,
De ſorte que cegando as perſpicacias,
Diz o que fois por nunca comprehendido.

De tantas perfeições a Providencia
Quiz com prodiga maõ, ò Heróe, cingirvos,
Que parece he o Sol Vaſſallo voſſo,
Dependente de luz, de luz mendigo.

Para eſmaltar o Ceo de activo nacar
A luz de Venus, o Aſtro matutino,
Aprende roſicler dos voſſos luſtres,
E de os naõ imitar chora rocíos.

Dos

Dos quatro Avós, de quem herdais os timbres,
Sabeis deſempenhar rayos antigos,
Se do grande Marialva a aguda mente,
Do alto Angeja o valor, que acclama o Indo.

Do Marte Portuguez à quem deu Pallas
O primeiro baſtaõ, depois que altivo,
Dando à Patria troféos, erigio throno
No Throno Caſtelhano ao nome Lyſio.

Do Marte Portuguez; Heróe conſtante,
A quem votaõ ruidoſas deſde o Pindo
Caliope ſublime a grave ſolfa,
Euterpe a voz, a lyra grata Clio.

Do primeiro Soldado, a quem venera
Por grande General a alta Olyſipo,
Que por ſer berço voſſo tem vaidades
De Oriente do Sol, de ſacro Olympo.

Sois, General famoſo, illuſtre gloria,
E como de tal Pay egregio Filho,
Vaticina a fadiga dos applauſos.
Saibais milagre ſer de ſeus prodigios.

Delle retrato ſois na valentia,
Deſenho ſingular daquelle juizo,
Que entre os votos da guerra foy primeiro,
Nas materias de Eſtado o mais perito.

Mas

Mas naõ contente ainda o alento voſſo
Do aſſombro hereditario produzido,
Ides com maravilhas ſingulares
Enchendo as perfeiçõés de mais alinhos.

Já naõ cabendo nos Eſcudos voſſos
Imagens do valor, fazeis capricho,
De que para imprimir voſſas grandezas
Seja Eſcudo a alta Eſféra de Zafiros.

Na excellencia de Pallas quem vos contá
Os acertos, repara ſuſpendido,
Que intenta numerar do Globo os Aſtros,
Que a immenſidade quer medir do abyſmo.

Por iſſo vos premiou o alto Monarcà,
Que deſcança feliz Planeta Quinto
Em tumulo dourado, donde reina
Dominante eſplendor de Aſtros, e Signos.

Capitaõ de ſuas tropas vos elege,
Em vós taõ alta idéa deſcobrindo,
Que julgou para muro de ſeu Reino
Baſtava deſſa eſpada o duro fio.

Mas vacilante logo a Regia mente,
Vendo, que he para vós premio conciſo,
Os ſegredos de Marte vos entrega,
Vos faz trovaõ do campo Neptunino.

Felice Lagos foy ; quando a Anfitrite
Opprimiſte a eſpalda ; conſeguindo
Dedicarvos entaõ victimas da alma ,
Que hoje ſaõ cultos já de amor preciſos.

Já entaõ a alegria preſagiando
A fortuna , que agora conſeguimos ,
Officioſa enſayava as reverenças,
Que haviaõ ſer öffertas ao dominio.

Vendo o Rey , que excellente predomina
Do Reino Portuguez o Sceptro invicto ,
Que merecem ſer nitido raſcunho
Da Regia Mageſtade os voſſos brios.

Parte com voſco a Celſitude Regia ,
Dando-vos deſte Reino o ſenhorio ;
Que de toda a fortuna dos vaſſallos
Na voſſa alta Regencia acha os motivos.

Entray a tomar poſſe , antes das vidas ,
Que do throno , que tendes prevenido ;
Porque ſejais primeiro idolatrado ,
Que exerciteis de General o officio.

Sim ſois Governador ; mas quer o extremo
Ter nos obſequios fiel nobre exercicio ;
Que dandovos applauſos de deidade
Deſafoga melhor ſeu fogo activo.

Sim vindes preſidir à ſacra Aſtréa,
Donde eſpera a razaõ no voſſo atino.
Sabereis inclinar para a piedade
Da Juſtiça immutavel o equilibrio.

Sim vindes ſer, ò General famoſo,
Quem nos campos Mavorcios preſidindo,
Sabereis afaſtar dos noſſos mares
Eſſas mingoantes Luas do Mouriſco.

Mas intenta o affecto reverente,
Que entre as delicias de hum amor tranquillo,
Collocado no altar da idolatria
Logreis da proſtraçaõ votos diſtinctos.

Logray, ſublime Athlante, deſte Empório
A ſujeiçaõ fiel; porque he preciſo
Conheçais correſponde a voſſas prendas
Da noſſa fé o reverente eſtylo.

Deſte Reino logray o culto amante,
E chegue a ſer, pelo que tem de fino,
Na voſſa alta attençaõ cabal obſequio
A quanto conheceis vos he devido.

Começay a reger Minerva, e Pallas,
Que anda Apollo no monte Cabalino
Para hum mundo fazer de Eſtatuas voſſas
Cortando Cedros, Plátanos ferindo.

Eſpera, que ſejais no ardor zeloſo
Fixo eſplendor de voſſos Appellidos;
Dando-lhes nas acções deſte governo
Novos eſmaltes, timbres diamantinos.

E ſe do voſſo alento ſoberano
Púlula tanta flor, a quem Cupido
Se entrega o arco para render peitos,
Dá Venus graças para acertar tiros.

Se da voſſa grandeza ſendo imagens,
Maravilhas de amor, fieis incentivos,
Para que vos adore a eternidade
Fecundo Producto de tanto Arminho.

Venhaõ elles a ſer deſte Hemiſferio
Chammas de voſſos rayos nunca extinctos;
Porque nos ſimulachros da lindeza
Se adore o voſſo Numen repetido.

De Maria preexcelſa a formoſura
Venha tornar o Algarve campo Elyſio,
Pois ao contacto de ſeu pé ſupremo
Tributa Flora candidos jacintos.

Deſta Aurora o candor a galla excelſa
Lagos ha de tornar hum Paraiſo;
Porque a luz ſingular de hum Sol taõ bello
Dá eſtrellas ao Ceo, ao jardim lirios.

Lo

Logray, Governador, em laços de ouro
De tanto bem o roſicler divino,
E a penhores da Prole eſclarecida
Tenha eſmaltes o amor, Flora celindros.

Entray de Portugal a invicta porta,
Invicta hoje por vós, que ao inimigo
Taõ formidavel já ſerá, que o vella
Lhe ſervirá de medo, ou paraciſmo.

Entray, que de impaciente a idolatria
Accuſa a digreſſaõ do acorde rithmo;
Porque quer em conceitos da fineza
Repetir vivas, duplicarvos hymnos.

Entray, Senhor, que Lagos vos eſpera,
Formando entre alvoroços exquiſitos
Na fraſe do reſpeito o applauſo voſſo,
Sendo o extremo a voz, o amor o victor.

Do R. P. Joſeph Manoel Penalvo.

Reſpondeo à ultima ſyllaba deſta recitaçaõ huma deſcarga de vinte e huma recamaras, que com ruidoſo eſtampido pareciaõ harmonioſo ecco de Marte a tantos guerreiros gritos. A' entrada da referida porta eſtava Silveſtre de Jeſus Ribeiro, Co-

Coronel do Regimento de Faro, que por ordem do Sargento mór de Batalha Franciſco Pereira da Silva Pacheco, a cujo cargo eſtava o governo das Armas do Algarve, tinha vindo a governar a Praça, e aſſiſtir a eſta funçaõ, por ſer Official de mayor Patente. Logo que o Senhor General quiz entrar pela porta, o dito Coronel lhe fez entrega das chaves da Cidade, como Capital de todo o Reino. Sua Excellencia as recebeo, e immediatamente lhas tornou a dar, fazendo todas eſtas acções com gracioſo, e animado deſembaraço.

Concluida eſta politica ceremonia, deu huma ſalva com toda a ſua Artelharia a Fortaleza da Ponta da Bandeira. O Senhor General entre innumeraveis acclamações, foy entrando pelas ruas da Cidade, que eſtavaõ alcatifadas de eſpadanas, todas as janellas viſtoſamente guarnecidas, em toda a parte huma numeroſa multidaõ de gente, e repicando todos os ſinos, para que as linguas de metal rhetoricamente mudas expreſſaſſem os conceitos dos corações,

rações, que ficavaõ ſuſpenſos na boca com os exceſſos da alegria. Na praça, que chamaõ do Cano, pelo qual deſaguaõ nove bicas em perenne fluxo, e por onde corre freſca a memoria do grande Rey D. Manoel, que mandou lavrar eſte aqueducto deſde a diſtancia de meya legoa, eſtava hum arco de bem delineada arquitectura, primoroſo deſempenho de alguns dos Mercadores da Cidade, e ao paſſar por elle o Senhor General foy ſalvado com a deſcarga de muitas recamaras.

Entrou o meſmo Senhor pela rua direita, a mais principal da Cidade; e no fim della ſe havia levantado outro arco em idéa, e aceyo nada inferior ao primeiro; porque além da igualdade da eſtructura, o ornavaõ delicadas pinturas, a que dava mais alma o Eſcudo das Armas de Sua Excellencia, que tanto neſte, como em todos os mais arcos lhes ſervia de eſpecioſo remate. Aqui ſe deu outra ſalva, depois da qual ſe continuou a marcha para a rua do Eſpirito Santo. Ao ſahir della para ſe entrar na praça, ſe via outro arco ſuſtentado

tado em duas ſoberbas columnas, com idéa taõ artificioſa, e com taõ delicada pompa, como he eſpecial o bom goſto do ſeu director o Pagador geral Joſeph Joaquim Ribeiro Riba, que naõ ſó ſe encarregou de delinear a obra, mas de a conſtituir magnifica, de ſórte que levou as attenções da gente, antes, e depois da paſſagem de Sua Excellencia. No meſmo lugar ſe levantou hum tablado apparatoſamente guarnecido, a que ſubio huma figura nobremente veſtida, que fez parar ao Senhor General para lhe ouvir eſta

RECITAÇAM.

HOra feliz foy, Pretor famoſo,
Melhor lhe chamarey myſterioſa,
Pois aquella occultava induſtrioſa
O que neſta oſtentais de mageſtoſo.

Feliz foy a primeira, em que chegaſtes
A dar ao noſſo Algarve o grande brado,
Já nas azas da Fama collocado,
E nos corações com noſco cá ficaſtes.

Fe-

Felice foy, e digna de memoria
Para lavrarſe em lapis diamantino,
Se prognoſtico já deſte deſtino,
O prelagio da noſſa mayor gloria.

Muito mais o em que meſmo vós ouvis
Por eſſa vaga eſféra victoriado
Deſſe bellico bronze organizado
O preexcelſo Baſtaõ, que já vos diz:
Me locavit in tua dextera magna Dei.

De Vulcano eſſe incendio, que ahi clama,
Eſſe ereo clamor, que agora brada,
Parece ſer do Olympo huma embaixada,
Que General invicto vos acclama:
Invicto brachio brachia cuncta teres.

Naõ duvido, naõ, que a nitida raiz,
Donde aſſim grande, e famoſo emanais,
Florecendo em galas, que por ſangue herdais,
Tal letra o Baſtaõ brota, que erigis:
Arboribus excelſé nitens, de ſemine naſcor,
Ut cingas ſtellis, ſydera ſumma peto.

O Ceo concorreo tambem propicio
Para eſſe throno de tanta opulencia:
Por graça da Divina Providencia
Vindes de General à ter o officio.
Concurſu Domini Reges regnare videntur;
Imperium & veſtrum venit ab arce Dei.

Factura ſois de Deos, bem o imagino,
Tambem dos noſſos olhos ſois mininas:
De vós ſe eſperaõ acções taõ peregrinas,
Que acabem de laurearvos por divino.

Mas que ha de ſer, ſe o Jupiter ſupremo,
Que providente aſſim o diſporia,
Quiz unirvos no thalamo a Maria
Para fazervos da graça hum extremo.

Mar de graças ſeu nome ſignifica
Das mais precioſas pedras fabricado,
E com hum nome taõ pulchro, e eſmaltado
Mais o voſſo ſe augmenta, e clarifica:
Ut ſolet augeri conjuncta lampade lampas,
Sic fulgure ſuo creſcit & inde tuus.

Será tambem por graça Iris de paz
Eſte, em que o affecto hum victor figurou,
E ſymbolize ao que Deos no Ceo formou,
Que pacifica uniaõ co' a terra faz.

Sim Senhor, unido eſtais, e enlaçado
Com os laços de amor dentro no peito,
Que ſendo para quem ſois centro eſtreito,
Dezeja ſer no victor dilatado.
Vivas, & vivas magnus conclamat Apollo,
Cor cumque metro offerat ille modo.
Sydera quod lucẽt, quod amæna roſaria florent
Conjuge cum regia tempora; vive Prole.

Do Doutor Domingos de Almeida Bonina.

Na

Na rua, em que ſe fez eſta recitaçaõ, moraõ os Conſules de Suecia, e de Malta, que deraõ demonſtrações do ſeu goſto, arvorando as bandeiras das ſuas Nações. Na praça ſe achava formada a guarniçaõ da guarda principal com os ſeus Officiaes reſpectivos, que fizeraõ a Suas Excellencias as devidas cortezias. Na boca da rua, que vay para o Palacio, em que o Senhor General faz a ſua reſidencia, ſe levantou outro arco, em que ſe eſmeroü officioſa a attençaõ dos Militares, tanto no delicado, como no arrogante. Era elle ornado de huma boa pintura, e lhe ſervia de remate huma tarja com todos os inſtrumentos bellicos, que repreſentavaõ o exercicio dos ſeus directores. Junto ao arco eſtava bem guarnecido hum formoſo theatro, ao qual ſahio hum Soldado veſtido de armas brancas com a eſpada, e capacete; e com ſemblante entre alegre, e fero, como coſtuma moſtrar a Fortaleza, repetio ao Senhor General eſtas Oitavas.

101

I.

HOje coroa Marte claro o Eſtio,
Donde o fruto do ardor he abundante;
Porque regado em doce agua de hum rio,
Suavidade lhe inſpira a aura fragrante:
Noronha o recolhe, e he muy juſto brio,
Que entre o premio de ſeu valor conſtante
Os prados lhe tributem eſmeraldas,
Zefiro flores; e Flora as grinaldas.

II.

Eſſe Templo de Pallas generoſo,
Viſtoſamente ornado neſte dia,
Te convida, Heróe ſupremo, e glorioſo,
Que aſſim ſabes vencer com galhardia:
O ſeu throno na fabrica luſtroſo
As Ninfas te offerecem à porfia
Para eſtar luminoſo em coro ſacro
Entre os Deoſes gentis teu ſimulacro.

III.

Teu nome eſcrito em diamante puro
Nos ſeus porticos grava a Eternidade;
E nas columnas Doricas ſeguro
Deſafia em duraçaõ a toda a idade:
Em lamina immortal do bronze duro
Se eſculpe em brazaõ a poſteridade;
Porque em tradiçõeſ ſeja ſempre vivo
De pays a filhos hum livro ſucceſſivo.

A

IV.

As Estatuas soberbas te levantaõ
De Corintho arruinados edificios,
Donde em rica materia se decantaõ
Dessa gloria Romana altos indicios:
Nos corações, melhor marmore, encantaõ
Da nossa adoraçaõ os sacrificios,
Em que o amor na fineza mais preclara
Os consome victima, e eterniza Ara.

V.

Os horizontes ferindo em grito attento
Os Cupidos, feitiços das Pantéas,
Prevolaõ torneando o Elemento;
Mais que nunca subtis, altas idéas:
Do claro Tejo já nos traz o vento
As Dryades, Oreades, Napéas,
Que o seu ouro erigindo em thronos vagos,
No Tejo areas saõ, mas coroa em Lagos.

VI.

Apollo em venerado patrocinio
Empenha omnipotente o braço forte,
Segurando-te, Heróe, hum tal dominio,
Que imperio feliz tenha além da morte:
Oh Marialva feliz! Tal vaticinio
Neste clamor de Marte vos exhorte
A confundir na inveja a vil reserva
Com peito generoso de Minerva.

Go-

VII.

Gozay alegre, pois, triunfo taõ raro
Entre canções no tempo eternizadas,
Sejaõ os prodigios voſſos, mais que Faro,
Maravilhas na Fama decantadas:
Neſſes gentis aſſombros, que eu reparo,
As Nações ſe ſuſpendaõ de paſmadas,
Em quanto o plectro meu neſtas victorias
Alma, e materia dá para as Hiſtorias.

VIII.

E vós Venus militar já triunfante,
Que rendeis em Rodrigo hum fero Marte,
Recebey noſſo applauſo, com que amante
Da valentia o peito aqui ſe parte:
Da Fortuna ſois vós alma conſtante,
Que ſó póde render eſta noſſa arte,
Que ſe erguerá, rendida, a Coliſéo,
Sendo deſpojo voſſo, e mais troféo.

Diſſe.

Foraõ interrompidas eſtas ultimas vozes com o eſtrondoſo ruido de muitas bocas de bronze, por onde deſafogaraõ os bravos peitos militares a ternura dos corações. Em fim, chegou o Senhor General

ral ao ſeu Palácio, e aqui o eſperava hum numeroſo cortejo, compoſto da principal Nobreza da Cidade, dos Prelados das Religiões, e de muitos Eccleſiaſticos, officioſos todos, todos reverentes. Encheraõſe os animos de alegria, lendo no ſemblante do Senhor General os eſpecioſos caracteres da ſua incomparavel affabilidade, virtude nos Grandes, e eſpecialmente nos que governaõ, taõ neceſſaria, quanto he inſoffrivel a pezada ſeriedade, que affugentando os obſequios, até faz difficultoſo o reſpeito. Sabe o Senhor General repreſentar o cargo na Peſſoa, mas naõ carrega a Peſſoa com o cargo. Conhece, que o tributo mais eſtimavel he o amor voluntario; e reveſte o ſemblante da lenidade do animo, para ſer, como Abſalaõ em Iſrael, illuſtre roubador dos noſſos coraçõens.

Tanto que o Senhor General entrou no Palacio, montou a ſua Guarda o Capitaõ mais antigo, que com a ſua Companhia veyo deſtacado do Regimento. Eſte Corpo, e o da Artilharia tinhaõ marchado deſde o campo de S. Joaõ, formando

mandou a retaguarda ao ſeu General, e chegando, ſe tornaraõ à Praça a pôr em fórma de batalha para darem tres deſcargas de fuzilaria, depois das quaes deſtroçaraõ. Os Officiaes vieraõ todos a Palacio comprimentar a Suas Excellencias, e depois tiveraõ a meſma honra os Sargentos de todos os Batalhões. A' noite ſe illuminou a Cidade, o que ſe repetio por tres ſucceſſivas; acompanhando eſte feſtejo os repiques dos ſinos, para que as linguas do fogo, que ſubiaõ ao Ceo, ficaſſem mais eloquentes com os gritos do bronze, que feriaõ os ares.

Na ultima das tres noites ſe rematou o feſtejo com hum artificioſo fogo, que ao meſmo tempo ſe diſparou em duas differentes partes; fazendo-ſe mais viſtoſa a idéa na competencia. O que ſubia ao ar, entre diverſas invenções, deſpedia copioſos chuveiros, que parecia ameaçavaõ a terra com hum diluvio de fogo ſem ſe atrever a tocalla, porque na meſma regiaõ do Ar ſe deſfazia. Houveraõ repetidas deſcargas de recamaras, que repreſentavaõ hum

hum furioſo, e continuado ataque. Eſcolheo-ſe para eſta diverſaõ o largo da praça, aſſim para que Suas Excellencias a gozaſſem das janellas do Palacio, como para participar della o povo, que concorreo em grande numero.

Recebida no Algarve a noticia de ſer chegado a Lagos o ſeu General, principiaraõ a inquietarſe os vótos na competencia de quaes haviaõ ſer primeiros nos cultos. O noſſo Excellentiſſimo Prelado, taõ amavel pelas ſuas virtudes, como pela ſua civilidade, o mandou logo viſitar pelo ſeu Mordomo, e por hum dos ſeus Capellães. O meſmo fez depois o Cabido, que enviou ao Meſtre Eſcola Franciſco de Torres, e o Conego Fernando Pinto Ribeiro, para proteſtárem ao Senhor General da ſua parte os mais polidos obſequios. De todas as Povoações concorreo a principal Nobreza, os Prelados das Religiões, e muitos Eccleſiaſticos, de ſórte que era em Lagos tal a affluencia de gente, como nunca ſe vio em occaſiões ſemelhantes. A todos tratava o Senhor General com taõ

affavel benevolencia, que todos voltavaõ ſendo pregoeiros da ſua urbanidade. Eſta geral acclamaçaõ tem a Sua Excellencia muy ſatisfeito, e ſe lhe lembrar a Corte, ſerá ſó por Patria, naõ por mais reſpeitoſa.

Logo que o Senhor General ſahio da Corte, determinou naõ retardar a viſita das Praças do Reino, e apenas ſe deſembaraçou das viſitas dos ſeus ſubditos, poz em execuçaõ a ſua jornada, que principiou no ultimo dia de Abril, em que partio para o Cabo de S. Vicente. Sahio o Senhor General de Lagos acompanhado de ſua Excellentiſſima Eſpoſa, de tres Fidalgos ſeus filhos, de Balthaſar Fernandes Banha e Pita, Tenente Coronel Ajudante das ſuas Ordens, de Simaõ Manoel de Villalobos, Secretario do governo, de Domingos de Lima da Silveira, Official mayor da Vedoria, de Joſeph Joaquim Ribeiro Riba, Pagador geral, de Rodrigo Pereira da Silva, Commiſſario de moſtras, de dous Officiaes Engenheiros, dos Religioſos de S. Pedro de Alcantara, que

trou-

trouxe comſigo de Lisboa, do Doutor Antonio Mauricio, Fyſico mór da gente de guerra deſte Reino, e de outras muitas peſſoas particulares, que concorreraõ para eſte obſequio, a que ſó faltou, por ſe achar moleſtado, o Doutor Antaõ Bravo de Souſa, Corregedor da Comarca de Lagos, e Auditor Geral do Algarve, que depois acompanhou a Sua Excellencia em todo o reſto da jornada até à Villa de Caſtro Marim na Fronteira de Caſtella.

Toda eſta comitiva foy no meſmo dia jantar à Villa do Biſpo, e dormir à Praça de Sagres, que recebeo ao Senhor General com huma ſalva de toda a ſua artilharia. No dia ſeguinte viſitou elle eſta Praça, e examinou as ruinas das Fortalezas da Balieira, e de Belixe, donde ſe encaminhou para o Convento de S. Vicente dos Padres da Provincia da Piedade, que juntamente he Fortaleza. Os ſeus Religioſos eſperaraõ fóra a Sua Excellencia, que foy conduzido à Igreja para adorar a ſepultura do Invicto Martyr, que deu o nome de Santo àquelle Promontorio ultimo da ter-

ra, a que muitos mil annos antes fizeraõ reſpeitar como Sacro as veneraveis cinzas de Tubal, ſem que nelle ſe confundiſſe com a ſegunda a ſua primeira memoria.

Em reverente culto de taõ piedoſa lembrança ouviraõ Miſſa Suas Excellencias, e beijaraõ hum dedo do Santo; que alli ſe conſerva com a veneraçaõ devida a taõ eſtimavel Reliquia. Seguio-ſe depois hum magnifico jantar, que Sua Excellencia tinha mandado fazer prompto; e como a eſtas horas com diario prodigio coſtumaõ vir dous Corvos buſcar a ſua comida, que lhe daõ os Religioſos, quizeraõ Suas Excellencias teſtimunhar eſta vulgar maravilha: porém elles atemoriſados do grande ruido, que fazia tanta gente, ſe moſtraraõ mais eſquivos, e naõ chegaraõ ao lugar coſtumado. Daqui foy o Senhor General dormir à Villa do Biſpo, aonde o eſperavaõ formadas as Ordenanças, e no ſeguinte ſe recolheo para Lagos, viſitando as Fortalezas do Zevial, Almadana, Burgao, a Senhora da Luz, e outras que ha

ha por aquella Coſta. Em todos eſtes póvos ficou o Senhor General amado; porque com todos ſe moſtrou igualmente affavel, que liberal.

Poucos dias deſcançou Sua Excellencia do trabalho deſta marcha, mais attento às obrigações do cargo, que às commodidades da peſſoa. Tornou o Senhor General a ſahir no dia 10 de Mayo para continuar a viſita do mais reſto do Reino com a meſma comitiva acima dita; e paſſando pelo Forte da Meya praya, e Villa de Alvor, que o ſalvaraõ com a ſua artilharia, chegou a Villa Nova de Portimaõ, e ſe apozentou em humas das mais decentes caſas deſta formoſa povoaçaõ, aonde ſe conſervaõ as memorias do antigo Porto de Anibal, e circunſtancias para a ſazerem celebre entre as grandes do Reino, ſe o deſcuido, e a pobreza lhe naõ houveſſem arruinado a eſpecioſidade. Ao entrar deſta Villa, eſperavaõ a Sua Excellencia formados o Corpo regular da ſua guarniçaõ, os Auxiliares, e Ordenanças, o Senado da Camara, os Miniſtros dos Lu-

gares

gares viſinhos, as Communidades dos Padres Capuchos Reformados, e a da Companhia de Jeſus, com a Nobreza daquelles deſtrictos.

Tres dias ſe deteve o Senhor General em Villa Nova, nunca ocioſo, porque foy viſitar as duas Fortalezas de S. Joaõ, e Santa Cathiarina, que defendem a embocadura do rio, e o ſalvaraõ com huma deſcarga dos ſeus canhões: navegou por toda a extenſaõ do meſmo rio até aviſtar a arruinada, e laſtimoſa Cidade de Silves, que nos faz ſentir a lembrança do que he. Naõ deſembarcou Sua Excellencia nella, porque reſervava a ſua viſita para quando ſe retiraſſe das outras Praças, e voltou para Villa Nova no meſmo dia. No ſeguinte, que era o de 13 de Mayo, jantou no Collegio da Companhia, aonde deixou os ſeus dous Filhos mais velhos para nas Eſcolas de taõ inſignes Meſtres aprenderem os elementos das Sciencias, com que ſe principiaõ a inſtruir as mocidades. Na meſma tarde paſſou o Senhor General o rio, e além da comitiva; que

já

já fica referida, o vieraõ acompanhando no reſto de toda a viagem o Auditor Geral, e os Juizes de Fóra de Villa Nova, e Silves, com outras muitas peſſoas, que faziaõ mais brilhante a comitiva de Sua Excellencia.

Deſembarcou o Senhor General no Lugar da Mixilhoeirinha, aonde o eſperava hum grande numero das Ordenanças de pé, e de cavallo. Aqui ſe deſpedio Sua Excellencia da Communidade dos Padres da Companhia, e dos Filhos, que lhes deixava entregues, naõ ſem as ternas demonſtrações, em huns da ſaudade, nos outros do reconhecimento. Por eſte caminho até à Villa de Albufeira, foy Sua Excellencia viſitando as Fortalezas de Carvoeiro, N. Senhora da Rocha, e Armaçaõ de Pera. No Lugar da Lagoa eſtavaõ formadas muitas Ordenanças, e no Convento de N. Senhora do Carmo, aonde o Senhor General ſe apeou a fazer oraçaõ, o receberaõ os ſeus Religioſos, offerecendo-lhe hum refreſco. Por toda a parte eſcoltavaõ a Sua Excellencia as Ordenanças de ca-

cavallo, rendendo-se nos seus destrictos, até que chegou a Albufeira, que he huma Villa situada sobre montes nas costas do mar, que a banha com huma bem espraiada bahia. Fóra della esperavaõ a Suas Excellencias as Tropas da guarniçaõ, que se compoem de hum Destacamento do Batalhaõ de Faro, as Ordenanças, e o Senado da Camara, que encarregou ao Juiz de Fóra o comprimento para o fazer em seu nome. O Sargento mór Manoel Joseph de Paiva, Governador desta Praça, praticou com o Senhor General as ceremonias costumadas, e o fez salvar com a artilharia do Castello, que está formado sobre a rocha perpendicular com a praya.

No dia 14 sahiraõ Suas Excellencias de Albufeira para virem prenoitar em Faro, aonde os esperava cortejo correspondente à grandeza de hum Povo, que he entre os do Algarve o primeiro, em nada inferior aos melhores de Portugal. Toda a Nobreza da Cidade, muitos Conegos, e Ecclesiasticos foraõ esperar o Senhor General quasi a huma legua de distancia. O Ar-

Arcebiſpo Biſpo, que entaõ ſe achava indiſpoſto, mandou ao ſeu Mordomo, e hum dos ſeus Capellães. A pouco menos de meya legoa eſtava o Senado da Camara coberto pelo Ouvidor da Comarca, e ſez a falla com toda a energia, e deſembaraço Joaõ da Silva e Cunha, que ſervia de Vereador mais velho. Quaſi na meſma diſtancia ſe achava o Sargento mór de Batalha Franciſco Pereira da Silva Pacheco, Governador da Praça, e fóra della formado o Regimento da guarniçaõ, de que he Coronel Silveſtre de Jeſus Riheiro, e ſobre o ſeu lado eſquerdo algumas Companhias da Ordenança. Em huma Quinta de huns Mercadores Inglezes, que ficava ſobre o lado direito do meſmo Regimento, haviaõ ſeus donos plantado huma bateria de Canhões viſtoſamente enramada, e de que tremolavaõ muitas bandeiras, com os quaes ſalvaraõ a Suas Excellencias na ſua paſſagem.

Chegou o Senhor General a cavallo entre o Senado da Camera à frente do Regimento, que o ſalvou com tres deſcar-

gas depois dos ſeus Officiaes lhe haverem feito as cortezias de eſpontaõ. Apeou-ſe nas Caſas, em que fazia reſidencia o Cardeal Pereira, as quaes havia guarnecido com toda a decencia Joaõ da Silva e Cunha, e aqui eſperava a Sua Excellencia hum numeroſo concurſo de toda a claſſe de gentes para o congratularem da ſua boa vinda. Do Regimento, que já eſtava formado na praça, marchou a Companhia de Granadeiros a meter a guarda da Peſſoa, e depois admittio o Senhor General a todos os Officiaes do meſmo Regimento, que lhe renderaõ o ſeu obſequio. Na meſma noite foy elle viſitar o noſſo Prelado, que já diſſemos ſe achava enfermo, e neſta primeira viſta ſe eſtreitaraõ tanto os laços da amiſade, que ſe fez quaſi inſeparavel a uniaõ com indizivel jubilo das gentes, que reconhecem quanto he proveitoſa à felicidade deſte paiz a boa correſpondencia entre duas juriſdicçõẽs taõ reſpeitoſas. O Cabido tambem comprimentou a Sua Excellencia, que lhe pagou a viſita com a ſua coſtumada, e benevola civilidade.

Em

Em quanto o Senhor General ſe deteve em Faro, naõ deu ocioſidade ao deſtino da ſua jornada; porque viſitou os armazens, examinou a fortificaçaõ da Praça, as Fortalezas da barra, e vio fazer exercicio às tropas, ſem que eſtas continuas operações do cargo lhe embaraçaſſem as funções de Catholico na frequencia dos Templos, nem a cultura de civil no trato das gentes. Seis dias ſe deteve o Senhor General em Faro, e a 21 partio para Tavira, acompanhando-o até à Freguezia de Quelfes, duas leguas diſtante da Cidade, a principal Nobreza della, e ſeguindo-o no reſto da jornada o Coronel do Regimento, o Ouvidor da Comarca, o Meſtre de Campo de Auxiliares Fernando Joſeph de Seabra Neto, ſeu irmaõ o Conego Antonio Joſeph de Brito, Joaõ Carlos de Miranda e Horta Machado, Manoel de Garſias Fragoſo e Torres, e Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Caſtro, cujas comitivas unidas à numeroſa, que de antes acompanhava a Sua Excellencia, faziaõ hum apparato taõ nobre, co-

mo nunca ſe vira no Algarve em ſemelhantes funçõeſ.

Por todo o caminho eſperavaõ a Sua Excellencia as Ordenanças formadas nos confins dos ſeus deſtrictos, e da meſma ſorte o eſcoltavaõ as de Cavallo. Neſta ordem chegou à Freguezia de N. Senhora da Luz, huma legoa antes de Tavira, e a pouca diſtancia o eſperava o Senado, de que era Vereador mais velho Joaõ de Mendoça do Valle, que lhe fez huma elegante, e pathética falla, cobrindo-o o Juiz de Fora, que ſerve de Corregedor, e naõ ſe achou nelle o Superintendente dos Tabacos; porque acompanhava ao Senhor General deſde Faro. Com eſta comitiva, e a da Nobreza da Cidade, entrou Sua Excellencia em Tavira. Fóra da Praça o eſperavaõ formadas as cinco Companhias da guarniçaõ, que cobria o Tenente Coronel Vicente Neto de Mendanha, e as Fortalezas o ſalvaraõ com as deſcargas da ſua artilharia. Apoſentou-ſe o Senhor General em humas nobres Caſas no agradavel ſitio, que chamaõ de Villa Fria, e

aqui

aqui recebeo o obſequio das Communidades, e da Nobreza ; diſtinguindo-ſe eſpecialmente na civilidade as Religioſas de S. Bernardo, que attentas com o Senhor General, já pela ſua peſſoa, já pela de ſeu Primo o Reverendiſſimo Padre Fr. Pedro de Mendoça, que foy Geral da ſua Ordem, o trataraõ com polidos obſequios, offerecendo-lhe hum magnifico refreſco.

Naõ ſe deteve Sua Excellencia em Tavira mais que hum dia, porque no de 23 de tarde marchou para Caſtro Marim, reſervando para a volta a viſita daquella Cidade. Além da comitiva, com que elle ſahio de Faro, ſeguiraõ a Sua Excellencia o Juiz de Fóra, que ſerve de Corregedor, o Superintendente dos Tabacos, o P. Fr. Franciſco da Coſta, Feitor do Convento de S. Bernardo, Pedro André da Franca Corte Real, ſeu irmaõ Antonio Correa da Franca, Joaquim Pedro de Souſa da Camara, e outras peſſoas, que em competencia deſejavaõ fazer evidentes as demonſtraçõe do ſeu reſpeito. Com a meſma ordem referida chegou o Senhor General

ral ao Forte da Villa de Cacella, que o recebeo com huma deſcarga da ſua artilharia, o que tambem repetio na retirada. Daqui ſe continuou a marcha para Caſtro Marim, que he a primeira Praça ſobre a Fronteira de Heſpanha. Hia Sua Excellencia acompanhado do Senado da Camara, que o eſperava fóra da Villa, como fizera a de Cacella, e do Governador da Praça Gregorio Cabrita de Villalobos, que ſe adiantou para eſperar o Senhor General à porta della, e lhe fazer a entrega das chaves.

As cinco Companhias da ſua guarniçaõ, e algumas de Auxiliares eſtavaõ fóra formadas, e fizeraõ a Sua Excellencia as ſuas coſtumadas cortezias militares, e a Praça o ſalvou com a deſcarga de vinte e hum canhões. Incanſavel o Senhor General, ſendo a hora da ſua chegada quaſi ao Sol poſto, ſahio logo a viſitar a Praça, e examinou o largo recinto da ſua muralha com todos os baluartes, e o Caſtello. Na noite recebeo o cortejo da gente da terra, e na manhã do dia 24 partio nos ſeus

eſ-

eſcaleres pelo rio Guadiana a ver a Villa de Alcoutim, Fronteira de S. Lucar, e veyo prenoitar a Caſtro Marim, fazendo doze leguas de caminho. Neſte meſmo dia o mandou viſitar por ſeus filhos, e por tres Officiaes da guarniçaõ da Praça o Marquez de Torre del Barco, Governador de Ayamonte, e o Senhor General lhe mandou pagar a viſita por Joaõ da Silva e Cunha, e por Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Caſtro, que paſſaraõ no eſcaler do Governo a executar eſta juſta demonſtraçaõ da civilidade do ſeu General, como Officiaes militares.

Na tarde do dia 25 voltou o Senhor General para Tavira, aonde ſe demorou quatro dias, que lhe foraõ neceſſarios para viſitar as Fortalezas, e a Praça, para ver fazer exercicio às tropas, e comprimentar as Communidades. Com o meſmo cortejo ſe recolheo para Faro embarcado nos ſeus eſcaleres, e o reſto da comitiva por terra. A gente maritima do Lugar de Olhaõ o foy eſperar a huma legoa de diſtancia com huma numeroſa frota de barcos peſcadores

viſ-

viſtoſamente enramados, e picados da emulaçaõ de remadores huns, e outros maritimos, fizeraõ ſummamente agradavel o ſeu deſafio. Todas as Fortalezas por onde Sua Excellencia paſſava, o ſalvaraõ com a ſua artilharia, e deſembarcando em Olhaõ, naõ pode diſſimular o goſto, que lhe cauſava a ſimplicidade do alvoroço, com que aquelle povo o recebia. Alcatifaraõ as ruas de eſpadana até à Igreja, e as encheraõ de arcos triunfaes, donde, em viſtoſa confuſaõ, naõ ſó pendiaõ as humildes tapeçarias das caſas, mas os innocentes ornatos das peſſoas. Cercava ao Senhor General huma numeroſa multidaõ de gente eſpecialmente rapazes, que parece os produzem naquella praya as arêas, e com vivas taõ alegres, como confuſos, faziaõ retenir os ares com indiſtinctos eccos.

Pelas duas horas da tarde deſte dia, que era o de 30 de Mayo, chegou o Senhor General a Faro, e logo no ſeguinte continuou a marcha para Lagos; porque já ſe fazia impraticavel o rigor das calmas,

mas, que neſte anno ſe anteciparaõ à ſua propria Eſtaçaõ. Dormio a 31 na Villa de Loulé, aonde o Capitaõ mór Ruy Dias da Silveira lhe tinha feito nas ſuas Caſas, que ſaõ excellentes, huma brilhante apoſentadoria. Aqui ſe dilatou o Senhor General alguns dias por conta de huma inflammaçaõ, que lhe ſobreveyo à garganta, e continuando a ſua jornada, chegou felizmente a Lagos, ficando por todo o Reino taõ geralmente amado, que todos os Povos delle em competencia dezejaõ roubar a Lagos a fortuna na poſſe de hum General igualmente magnifico, que amavel.

Juſtamente deve elle dar ao Algarve demonſtraçõeſ da ſua complacencia; porque no principio do ſeu governo já o ſeu reſpeito chega mais longe, que o ſeu dominio, já a ſua fama he mayor, que o ſeu emprego. Agora principia a lavrar para todas as idades a ſua mageſtoſa Eſtatua, que honrará todos os Capitolios; e ſe lhe dá os primeiros golpes no Algarve, razaõ he, que lhe faça evidentes os ſeus agrados. Entre nós, e nos mais florîdos

annos ſublima o Senhor General o alto coloſſo da ſua reputaçaõ: porém naõ eſcolhe para elle os ocos pavimentos dos applauſos vãos, mas os fundamentos maciços da ſolida honra. Para elle a gozar completa mais que Anibal, Alexandre, Mario, e Pompeo, levanta a eſtatua da ſua honra nos firmes alicerces das virtudes, que já ſaõ Coliſſeos na eſtatura, quando eſtá taõ freſco o edificio da ſua mocidade. Com as ſuas acçõeſ ſe faz creatura de ſi meſmo. Se no ſer he grande, he mayor no obrar, eſtimando mais a eleiçaõ, que a fortuna.

E como naõ ha de o Senhor General gozar as honras mais puras, ſe elle empunha o baſtaõ, porque ſe fez Soldado: ſe elle toma porto nas prayas da gloria, porque ſoffreo no mar o trabalho das tormentas: ſe elle para gravar o ſeu nome nos aſtros, já ſubio até às eſtrellas: ſe elle para poſſuir riquezas, as cavou nos montes do Potoſi: ſe elle para lavrar os clarins da Fama, deſentranhou o metal das minas: ſe elle para collocar a ſua Imagem no Capitolio, a abrio à força de golpes: e ſe elle

le para fabricar a pedra Filoſofal da perfeita gloria, a troco da ſua ſaude ſe naõ tem poupado a algum trabalho ? Talvez que o Senhor General para ſublimar a ſua grandeza, diſcorreſſe, que ſe a fama da mayor parte dos Principes foy ganhada com ſuores alheyos, elle havia ganhar a ſua com o ſeu ſuor. Neſta maneira de obrar naõ ſó imitou aos Heróes, mas a Deos, que para executar aſſombros, que lhe deſſem accidental gloria, parece que houve miſter tanto trabalho, que foy neceſſario ſeguirſe-lhe o deſcanço. Se nos precioſos quilates do Senhor General havia algumas fezes da natureza, para as expurgar ſe entregou às actividades do fogo. Qual outro Alcides, pelos meſmos paſſos, porque deſcia aos abyſmos, voava depois às eſféras. Como elle arruinava monſtros para fabricar Templos, ajuntava materiaes para levantar Coloſſos; e dando ao ſeu coraçaõ por azàs a generoſidade, voava melhor que Anteaõ ſobre o riſco dos tropeços.

Ultimamente, a juſtiça, a rectidaõ, a clemencia, o zelo, o deſintereſſe,

e a inſtrucçaõ do Senhor General com todas as mais virtudes chriſtãs, e politicas, que moſtrou nas ſuas primeiras acções, promettem ao Algarve aquellas venturoſas felicidades de Roma no tempo dos Auguſtos, e de França no reinado dos Luizes. Aſſim o eſperamos de tantos ſublimes predicados, quantos ſaõ os que compoem a eſſencia deſte grande Heróe, e em quanto os animos ſolicitos ſe preparaõ para a poſſe de tantas fortunas neſte

SONETO.

JA' Senhor, ponho a Coroa ao feſtejo,
Que voſſa alta preſença ſolemniza,
Heróe excelſo, que a Fama eterniza,
Deſde o Ganges dáquem, além do Tejo.
Neſte primeiro obſequio o meu dezejo,
Com gratidaõ melhor, que a de Artemiſa,
De ſeu fino reſpeito vos aviſa
Neſte victor, que a darvos proprio elejo.
Vivey pois de Noronha ò Laomedonte,
De Menezes puriſſimo Lavacro,
De Marialva eminente excelſo Monte.
Vivey: e para o voſſo ſimulaero
Peanha o Orbe ſeja, Ara o horizonte,
Melhor que a Jaſon Pio, ou Ceſar Sacro.

VIVA.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Joseph Malachias, da Ordem de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILLUSTRISSIMOS SENHORES.

A *Relaçaõ Panegyrica, &c.* he muy digna de se dar ao publico, nem contém cousa alguma, que offenda a nossa santa Fé, e bons costumes. S. Domingos de Lisboa aos 12 de Agosto de 1754.

Fr. Joseph Malachias.

VIsta a informaçaõ, pode-se imprimir o papel de que se trata, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa 27 de Agosto de 1754.

Alencastre. Silva. Abreu. Paes. Trigoso. Silveiro Lobo.

Do

Do Ordinario.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Victorino Pacheco, da Caſa Profeſſa de S. Roque.

EXCEL., E REVER. SENHOR.

VI por ordem de Voſſa Excellencia a Relaçaõ, que conſta da petiçaõ, e nella naõ achey couſa alguma contraria à noſſa Santa Fé, e bons coſtumes. Voſſa Excellencia mandará o que for ſervido. Lisboa, S. Roque, 5 de Setembro de 1754.

Victorino Pacheco.

VIſta a informaçaõ pode-ſe imprimir o papel de que a petiçaõ trata, e depois de impreſſo torne conferido para dar licença para correr. Lisboa, 12 de Setembro de 1754.

Silva.

Do Paço.

Approvaçaõ de Luiz Franciſco Pimentel, Coſmografo mór do Reino, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

SENHOR.

EM obſervancia do preceito de Voſſa Mageſtade vi o Papel, que compoz, e intenta fazer imprimir Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Caſtro,

tro, intitulado: *Relaçaõ da entrada, que na Cidade de Lagos fez seu Governador o Illustrissimo, e Excellentissimo D. Rodrigo Antonio de Noronha.* E só hum taõ sabio, e illustre Escritor, como Damiaõ Antonio poderia desempenhar o relevante assumpto de referir os louvores de taõ respeitavel, e prudente Heróe, como D. Rodrigo Antonio de Noronha. Assim o estaõ suggerindo as circunstancias, e assim o confirma a liçaõ deste discreto, e elegante Panegyrico, que a todas as luzes me parece muito digno de seu eruditissimo Author, do Excellentissimo Heróe a quem o consagra, e da faculdade para se imprimir. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa, 16 de Setembro de 1754.

Luiz Francisco Pimentel.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, que sem ella naõ correrá. Lisboa, 17 de Setembro de 1754.

Ataide. *Seabra.* *Doutor Velho.*

H. 61/2687.

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA